



## INFIEL DE AYAAN HIRSI ALI: CARTOGRAFIAS DE SI NA ESCRITA NEGRA CONTEMPORÂNEA

Eumara Maciel dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste estudo, investigou-se a trajetória somali Ayaan Hirsi Ali a partir da sua autobiografia *Infidel, a história de uma mulher que desafiou o islã* (2007), na qual constituiu a si nos diferentes espaços em que esteve desde a África, a Ásia, a Europa até a América do Norte. No período de seu lançamento, *Infidel* alcançou sucesso de vendas no mercado editorial de diversos países, tendo como marca fundamental a fragmentada subjetividade contemporânea de uma imigrante que, ao renunciar ao Islã, empreendeu uma luta pela liberdade de expressão enquanto mulher, que lhe rendeu a condenação à morte por fundamentalistas muçulmanos. Para promover tal reflexão, contou-se com as referências teóricas de Joseph Ki-Zerbo (2010); Amadou Hampâté Bâ (2003; 2010); Leonor Arfuch (2010; 2013); Stuart Hall (1996; 2000); Edward Said (1990; 2003; 2005) e outros.

**Palavras-chave:** Ayaan Hirsi Ali; autobiografia; literatura negra; identidades.

## INFIDEL FROM AYAAN HIRSI ALI: CARTOGRAPHIES OF YOURSELF IN BLACK CONTEMPORARY WRITING

**Abstract:** This study investigated the trajectory of the Somali woman Ayaan Hirsi Ali from her autobiography, *Infidel, the story of a woman who challenged the Islam* (2007), in which constituted herself in different spaces where she was, from Africa, Asia, Europe to North America. During the period of its launch, *Infidel* achieved sales success in the publishing market of several countries, having as fundamental mark the fragmented contemporary subjectivity of an immigrant who, to renounce Islam, undertook a fight for freedom of expression as a woman, which made she earn the death sentence by fundamentalist Muslims. To promote reflection we count on the theoretical references of Joseph Ki-Zerbo (2010); Amadou Bâ Hampâté (2003; 2010); Leonor Arfuch (2010; 2013); Stuart Hall (1996; 2000); Edward Said (1990; 2003; 2005) and others.

**Keywords:** Ayaan Hirsi Ali; autobiography; black literature; identities.

## INFIEL DE AYAAN HIRSI ALI: CARTOGRAPHIES DE SOI EN ÉCRITURE NOIRE CONTEMPORAINE

**Résumé:** Dans cette étude, on a recherché la trajectoire somalienne Ayaan Hirsi Ali à partir de s'autobiographie *Infidel, a história de uma mulher que desafiou o islã* (2007), dans quel a constitués à soi dans les différents espaces em qu'elle était en Afrique, Asie, Europe et

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia - DCH - Campus I - Salvador/Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia - DCHT - XXIV - Xique-Xique./ Secretária Executiva/Universidade Federal do Oeste da Bahia/UFOB Pesquisadora do AIOKÁ KIANDA - Núcleo de Pesquisas e Estudos Multidisciplinares Africanos e Afro-americanos/ Membro do Grupo de Pesquisa Escritas à deriva: redes literárias nas malhas da ficção em língua portuguesa - UNEB/ Membro do Grupo de Pesquisa Estudos de produção e recepção em culturas e linguagens - Linha de pesquisa: Linguagens: produção, recepção e mediações culturais/Membro do Grupo de Pesquisa GRAPHO - UNEB.



Amérique du Nord. Dans la période de son lancement *Infiel* atteint le succès des ventes de l'édition de plusieurs pays, avec la marque fragmenté subjectivité contemporaine d'un immigrant qui, au renoncer à l'Islam, a mené une lutte pour la liberté d'expression comme femme, ce qui lui a valu le condamné à mort par les intégristes musulmans. Pour promouvoir cette réflexion, est racontée avec les références théoriques de Joseph Ki-Zerbo (2010); Amadou Hampâté Bâ (2003; 2010); Leonor Arfuch (2010; 2013); Stuart Hall (1996; 2000); Edward Said (1990; 2003; 2005) et d'autres.

**Mots-clés:** Ayaan Hirsi Ali; autobiographie; la littérature noire; identités.

### INFIEL DE AYAAN HIRSI ALI: CARTOGRAFÍAS DE SI EN LA ESCRITURA NEGRA CONTEMPORÁNEA

**Resumen:** En este estudio, se ha investigado la trayectoria Somali Ayaan Hirsi Ali a partir de su autobiografía *Infiel*, la historia de una mujer que desafió el islam (2007), en la cual constituyó a si en los diferentes espacios en que estuvo desde África, Asia, Europa hasta América del Norte. En este período de su lanzamiento, *Infiel* alcanzó suceso de ventas en el mercado editorial de diversos países, su marca fundamental la fragmentada subjetividad contemporánea de una inmigrante que, al renunciar al Islam, emprendió una lucha por la libertad de expresión como mujer, que le rindió la condenación a muerte por fundamentalistas musulmanes. Para promover tal reflexión, las referencias teóricas utilizadas fueron Joseph Ki-Zerbo (2010); Amadou Hampâté Bâ (2003; 2010); Leonor Arfuch (2010; 2013); Stuart Hall (1996; 2000); Edward Said (1990; 2003; 2005) y otros.

**Palabras-clave:** Ayaan Hirsi Ali; autobiografía; literatura negra; identidades.

Em 2008, Ayaan Hirsi Ali, escritora e ativista somali, esteve no Brasil para participar da conferência *Cruzando Fronteiras* no curso de altos estudos *Fronteiras do Pensamento*, realizado em Porto Alegre e em Salvador, representando ferramentas para o desenvolvimento dos sujeitos e da sociedade, daí o convite às diversas personalidades mundiais para debater e analisar o cenário contemporâneo.

Cerca de 1.500 pessoas que assistiram ao ciclo de conferências puderam ouvir a história de vida da somali naturalizada holandesa. Na ocasião, Hirsi Ali testemunhou sua perseverante busca da liberdade de expressão feminina na cultura islâmica e em outras culturas, apontando para a importância da ressignificação do pensamento, sobretudo, das próprias mulheres, para que possam ser sujeitos livres, assim como ela o foi quando rompeu as fronteiras do pensamento frente à censura nos países islamizados pelos quais passou.

O objeto desta pesquisa foi delineado a partir do contato com essas e outras imagens de Ayaan Hirsi Ali veiculadas na mídia, as quais instigaram a leitura do seu



*best-seller* autobiográfico: *Infidel, a história de uma mulher que desafiou o Islã* (2007)<sup>2</sup>. Em um contexto de estudos sociológicos, despertou-se o desejo de estudar as experiências da trajetória de vida de Ayaan Hirsi Ali, desde o caminho que traçou entre a infância e a juventude, vividas na África e na Ásia, até a sua vida adulta na Europa.

Sob essa perspectiva, objetivou-se, neste estudo, investigar os modos de constituição de si nos diversos espaços em que Ayaan Hirsi Ali transitou, a partir de seus exílios<sup>3</sup> representados em *Infidel*, escrita que fez emergir temas instigantes que vão desde os retratos da cultura africana no contexto de islamização da Somália até a reflexão sobre a defesa do multiculturalismo na Europa.

Evidenciando as memórias traumáticas e a experiência individual de ser mulher no islã, Ayaan Hirsi Ali chamou a atenção do público ocidental a partir de sua autobiografia, que permaneceu durante 31 semanas na lista de *best-sellers* da *New York Times*, fato que evidencia a recepção arrebatadora, pois essa revista norte-americana tem extenso público e ampla visibilidade na cena midiática.

No âmbito acadêmico, em 2011, uma pesquisa de mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada *Será a autobiografia uma poética da modernidade? Uma leitura comparada entre Ayaan Hirsi Ali e Gioconda Belli*, lançou o olhar da autora, Patrícia Ribeiro Brasil, sobre as possíveis características do *boom* autobiográfico contemporâneo ao comparar as experiências narrativas da somali e da nicaraguense em suas autobiografias. Apesar desse estudo contribuir para dar vistas à subjetividade de Ayaan Hirsi Ali, esse enfoque dado a *Infidel* é baseado na teoria da literatura comparada.

Desse modo, esta escrita se justifica pela relevância do estudo das potencialidades da imagem do eu imigrante criada por Ayaan Hirsi Ali, já que acabou revelando valores não só individuais, mas dos contextos e espaços em que estava inserida por meio da escrita autobiográfica.

Portanto, analisam-se as maneiras como Ayaan Hirsi Ali, a partir da escrita de *Infidel*, construiu os espaços de figuração do eu para se expressar em uma sociedade ocidental contemporânea que se caracteriza pela valorização da superexposição de si, ao

---

<sup>2</sup>Disponível também em PDF, no endereço eletrônico: <[sociologianet.files.wordpress.com/2011/01/infidel.pdf](http://sociologianet.files.wordpress.com/2011/01/infidel.pdf)>.

<sup>3</sup> Para Volpe (2005, p. 78), algumas das significações da palavra “exílio” são remetidas aos termos “expulsar da pátria, degradar, banir, extraditar, deportar”.



observar os possíveis propósitos dessa escrita autobiográfica, haja vista que houve uma intensificação das formas autobiográficas e de sua divulgação na contemporaneidade.

É necessário considerar a importância de estudos voltados para essa narração de experiências de um eu e suas figurações, que, por meio da autobiografia, promovam uma reconstrução de si. A obra aqui analisada rendeu ao público novos olhares acerca da perspectiva afro-islâmica feminina, que proporcionou à autora, ao mesmo tempo, sucesso no mercado editorial e uma ameaça de morte por membros da Irmandade Muçulmana por estar, supostamente, sendo “infel” ao renegar o islamismo e atacar a palavra de Alá, a divindade suprema do Islã<sup>4</sup>.

Mas, afinal, quais são os artifícios utilizados por Ayaan Hirsi Ali para chamar a atenção para esses espaços de figuração de si? Onde buscou subsídios para que a autobiografia fosse um sucesso mercadológico? Como conviver com os impasses da narração da experiência islâmica? Que imagem ela construiu na Europa? Como os muçulmanos a veem? Quais identidades Ayaan Hirsi Ali assumiu ao longo da escrita? Estes foram alguns dos muitos questionamentos que direcionaram a escrita deste trabalho, para tratar da relevância das escritas íntimas para a constituição do sujeito.

A escrita de Ayaan Hirsi Ali representa o narrar-se contemporâneo que conflui em textos híbridos e fragmentados, performáticos e midiáticos de um *eu* múltiplo e descentrado frente aos espaços pelos quais ela transitou e como ela se (re) constituiu a partir deles. Com esses sentidos da subjetividade contemporânea, a escrita de *Infel* movimentou o eixo da visibilidade e da conexão responsáveis pela existência de Ayaan Hirsi Ali enquanto personagem, de modo que ia sendo reconhecida quando lançava luzes para as imagens que construía para si gente aos desafios de dizer-se:

As pessoas me perguntam se estou com vontade de morrer, já que insisto tanto em dizer o que digo. A resposta é não: prefiro continuar viva. No entanto, certas coisas precisam ser ditas e há casos em que o silêncio é cúmplice da injustiça. (Hirsi Ali, 2007, p.)

---

<sup>4</sup> A palavra islã “Quer dizer submissão a Deus. Além de ser uma religião, é também uma lei moral, um estilo de vida, uma cultura baseada nos preceitos ditados pelo Anjo Gabriel a Maomé em 611 da nossa era. O islamismo, assim professado, tem o Alcorão como livro sagrado que também é tomado como código judicial e social, como um manual de comportamento.” (Balta, 2010, p.124).



Nesse contexto, em agosto de 2003, a somali Ayaan Hirsi Ali despertou a ira de muitos muçulmanos ao produzir o curta-metragem *Submissão – Parte I*, no qual aparecem mulheres seminuas com versículos do Alcorão, que, supostamente, justificariam a submissão feminina, escritos em seus corpos maltratados e olhos levantados, a questionar Alá. Não causou estranhamento quando Hirsi Ali ganhou inúmeros inimigos, já que era uma “infidel”, atacando a palavra do Profeta Maomé, a partir das memórias que guardou dos seus tempos de devoção.

O curta de onze minutos, sob direção do neerlandês Theo van Gogh, foi exibido na televisão holandesa, desvelando um fragmento denso de representações de vidas de mulheres nas sociedades islâmicas, ao tratar de questões que ainda as vitimam, como os casamentos arranjados, a violência doméstica, os incestos. Essas cenas foram uma tentativa de chamar a atenção dos holandeses para a situação de opressão em que vivem as mulheres na cultura islâmica, inclusive, no Ocidente, contudo acolhida pela causa multiculturalista holandesa.

O resultado da exibição do curta foi o assassinato de Theo por Muhammad Bouyeri, um marroquino, membro da Irmandade Muçulmana que atirou no cineasta, degolou-o e lhe cravou um punhal no peito, com uma carta endereçada a Hirsi Ali, avisando-lhe que ela seria a próxima. Mesmo cercada pelo medo, dois anos mais tarde, lançou suas *Memórias autobiográficas*, assim classificadas na ficha catalográfica do livro *Mijn Vrijheid*<sup>5</sup> (2006), lançado na Holanda, com a versão brasileira traduzida em 2007, intitulada *Infidel, a história de uma mulher que desafiou o islã*.

Em *Infidel*, a autora dá início ao confronto com dois grandes desafios: o de escrever sobre si frente à ameaça de morte, quando insistiu em falar dessas memórias que se aproximam da experiência islâmica de milhares de mulheres; e o de conviver com as constantes ameaças de morte.

Mas afinal, quem é Ayaan Hirsi Ali? Para dar início à autobiografia, a autora relatou a memória de sua infância levada pelos caminhos da memória de seus ancestrais somalis. Descreveu que, desde os cinco anos de idade, acompanhava a narrativa de sua avó, Ayeeyo, quando a ensinava a recitar a genealogia paterna e materna, partindo da ritual pergunta: Quem é você? E, sob a parca sombra da árvore na frente de sua casa, em Mogadíscio, ia respondendo e construindo uma espécie de reconhecimento do Outro e, sobretudo, de si, que, no continente africano, representaria, segundo Amadou Hampâté

---

<sup>5</sup> Tradução: *Minha liberdade*.

Bâ (2010, p.203), sua “carteira de identidade”. Nessa afirmativa, observa-se o trabalho das identidades que se encarregam de vincular a imagem dos espaços passados e presentes, internos e externos à afetividade dos sujeitos.

Entre essas pertenças e seu trânsito, Hirsi Ali narrou, em *Infiel, a história de uma mulher que desafiou o islã*, sua experiência nos espaços das casas, dos quintais, dos países e das linguagens que construíram, em sua autobiografia, seu lugar de indivíduo na história coletiva. A escritora, em sua empreitada diaspórica, mostra-se como alguém que tem uma tensa relação com os espaços, pois não foi à toa que viveu em tantos lugares e acabou refugiada, por não se encaixar nos lugares, sobretudo, os da linguagem (espaços de linguagem de uma mulher, negra e de classe média da Somália).

E longe da antiga casa, como se reconhecer em diásporas? Seria “[...] reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias” (Hall, 1996, p. 75), já que, desde 1991, Ayaan e sua família passaram por exílios na Arábia Saudita, na Etiópia e no Quênia, por conta da militância do pai, Hirsi Magan, contra a ditadura da Somália. Uma provável resposta a esse questionamento seria a indicação da necessidade de se adaptar, de modo que os estranhamentos fariam parte do processo de hibridização dessa experiência cultural.

Quem é Ayaan Hirsi Magan depois de quarenta e seis anos? O que se pode argumentar é que, agora, se ela se chama Ayaan Hirsi Ali, nas letras do seu nome, ressoam a mudança de nome e, também, a mudança de identidade nas diásporas que “estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença” (Hall, 1996, p. 75) desde que desembarcou na Holanda, para conseguir asilo na fuga do casamento a contragosto, conforme descreveu:

E, ademais, não disse que me chamava Ayaan Hirsi Magan; isso facilitaria muito o trabalho da minha família para me localizar. Escolhi o prenome do meu avô Ali, o nome que o seu pai havia lhe dado antes que as pessoas passassem a chamá-lo de Protetor. Um nome muito corrente e comum, com o qual era fácil desaparecer. Dali por diante, eu seria Ayaan Hirsi Ali, nascida em 13 de novembro de 1967. (Hirsi Ali, 2007, p.281)

Assim, reinventa-se não só na escrita, mas também em vida, representando uma “compulsão de realidade [...] no nome próprio, no rosto, na vivência, na anedota oferecida à pergunta, às retóricas da intimidade” (Arfuch, 2010, p.21) e, a partir desse “renascimento”, ela segue a série de diásporas que marcaram sua vida.



Quando se refugiou na Holanda, lá, depois do choque com os valores do Ocidente, passou por uma crise em relação à sua religião. Tal crise intensificou-se após o ataque de 11 de setembro de 2001, em que o saudita e fundamentalista islâmico, Osama Bin Laden, por meio de seu grupo terrorista *Al Qaeda*, vitimou milhares de norte-americanos. Aviões controlados por membros desse grupo atingiram as torres gêmeas do *World Trade Center* e partes do prédio do Pentágono, sede do departamento de defesa dos EUA. Sobre esse fato histórico, Hirsi Ali relata sua reação quando soube do ataque:

Uma tarde, na minha segunda semana de trabalho no Partido Trabalhista, eu estava lendo velhos relatórios quando irrompeu uma comoção lá embaixo. Desci para ver qual era a origem de tanto barulho, decidida a mandar aquela gente calar a boca. Um grupo estava aglomerado diante do televisor sintonizado na CNN<sup>6</sup>. Eu me irritei. Na época, tinha certa aversão aos Estados Unidos e à mídia americana. [...] De modo que, naquela tarde, ao ver a chamada da NOTÍCIA DA ÚLTIMA HORA, imaginei que a CNN acabara de desenterrar mais um fato corriqueiro para alardear. Mas foi naquele momento que o segundo avião atingiu o *World Trade Center*. [...] Fechei os olhos e pensei em somali: “Oh, Alá, que não sejam muçulmanos os que fizeram isso.” (Hirsi Ali, 2007, 387)

*Sem Deus* é o capítulo que acolhe esse trecho do livro, pois, segundo Hirsi Ali, naquele momento em que as torres do prédio foram atingidas, foi como se tivessem ruído junto o que ainda lhe restava de fé e de defesa à lei islâmica. Apesar de ter tentado buscar respostas para o ato terrorista islâmico, acabou por perceber a violência da religião que trazia como referência e, sobretudo, passou a observar as microviolências do cotidiano maometano.

A partir dessa tomada de consciência, Hirsi Ali passou a afrontar os ideais islâmicos na sua militância contra o fundamentalismo que subsidiava o discurso de ódio ao Outro, de “Morte aos infiéis”. Poucos meses depois do ataque terrorista, participou de um debate em um centro de discussão em Amsterdã, chamado *De Baile*, sob o título *O islã e o Ocidente: quem precisa de um Voltaire?* Naquela ocasião, clamou:

Vejam quantos Voltaire o Ocidente já tem. Não nos recusem o direito de também termos um. Vejam as nossas mulheres e vejam os nossos países. Vejam que estamos todos fugindo e pedindo asilo aqui, e que alguns, na sua loucura,

---

<sup>6</sup> CNN (*Cable News Network*) é um canal a cabo de notícias norte-americano, fundado em 1º de junho de 1980.



agora resolveram jogar aviões nos edifícios. Concedam-nos um Voltaire, porque verdadeiramente estamos vivendo nas trevas do obscurantismo. (Hirsi Ali, 2007, p.391)

Referindo-se a Voltaire, filósofo iluminista, como símbolo de revolução, o debate propunha uma visível oposição entre o islã e o Ocidente. Em meio às discussões, Hirsi Ali se levantou em favor da luta em defesa da liberdade, inclusive, a religiosa, conforme também lutou Voltaire à época em que a França se desprendia das amarras da Idade Média, período, segundo Hirsi Ali, comparável à situação do mundo islâmico, haja vista a caracterização do Islamismo como:

[...] uma ideologia política antimoderna, antissecularista e antiocidental, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante, é transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e estabelecer o reino de Deus em toda a Terra. (Demant, 2011, p.201)

Em resposta à modernização, o fundamentalismo islâmico é justificado, frente à “ameaça” da ocidentalização que compromete os objetivos da religião, conforme propôs o especialista nesse assunto, Peter Demant, em *O mundo muçulmano* (2011). O fato é que Hirsi Ali começou a se contrapor a essa ideologia.

Os questionamentos de Hirsi Ali fizeram dela um alvo de críticas e ameaças constantes, passando a ser reconhecida no cenário internacional, assim como começou a colecionar simpatizantes e inimigos, por ter questionado a cultura islâmica, relacionando-a a muitas das práticas da Idade Média. Na mesma oportunidade, criticou o posicionamento da sociedade holandesa frente à ideologia do multiculturalismo desse país, o qual permitia a difusão do pensamento islâmico, visando a uma possível “integração” que, mais tarde, foi revista pela Holanda.

Em 2002, ela afirmou ser ateísta, rompendo, assim, com sua religião, de modo que também rompia com sua família: ela era agora a infiel, a não muçulmana, o outro a quem deveria ser declarada guerra<sup>7</sup>, segundo a interpretação dos preceitos alcorânicos pelos radicais. Estas concepções extremistas também fundamentaram o ataque de 11 de

---

<sup>7</sup> A guerra Santa ou Jihad, Segundo a definição de Demant (2011, p. 392) é a “luta em favor de Deus; aplicada tanto para busca do autocontrole quanto à islamização da sociedade e a luta armada contra os infiéis”. Este é um conceito essencial da religião islâmica e significa “empenho”, “esforço”. Pode ser entendido como uma luta, mediante vontade pessoal, de se buscar e conquistar a fé perfeita. Ao contrário do que muitos pensam, *jihad* não significa “Guerra Santa”. O objetivo da *jihad* não é matar os não-muçulmanos; o objetivo é estabelecer a religião de Allah na terra, para estabelecer a Lei Islâmica.

setembro de 2001 que renderam inúmeras produções acerca do islamismo, cenário que contribuiu, mais tarde, para a projeção de Hirsi Ali como figura pública e alavancou a figuração de sua escrita autobiográfica na mídia internacional.

Firmando-se na Holanda, Hirsi Ali concluiu o curso de Ciência Política em 2000, na Universidade de Leiden<sup>8</sup> – UL, a mais antiga universidade holandesa, onde procurou respostas para suas inquietações ao se candidatar nesse curso específico, conforme explicitou:

Em 1992 e 1993, praticamente todo mundo não ocidental estava mergulhado em guerras civis e confrontos tribais. O fim da Guerra Fria ampliava as fissuras do ódio. E muitos países em guerra eram muçulmanos. O que havia de errado conosco? [...] Eu estava convencida que, se estudasse ciência política, compreenderia essas coisas. (Hirsi Ali, 2007, p.319)

Ainda movida por questionamentos como esses que a impulsionaram a estudar, Ayaan Hirsi Ali começou a se articular politicamente quando se juntou ao Partido Trabalhista na Holanda, porém, percebeu que ele defendia o multiculturalismo, de modo que, cordialmente, aceitava práticas consideradas desumanas, sobretudo, da cultura islâmica em solo holandês, pois, para o partido, a prática da cultura permitiria ao imigrante a ligação com suas raízes, garantindo o bem-estar dos grupos sociais. Essa circunstância ia de encontro ao que defendia Hirsi Ali e seu posicionamento gerava um incômodo ao Partido por colocar em causa a ideologia multiculturalista.

Portanto, ao aliar a ferrenha militância contra muitas das leis islâmicas às suas experiências pessoais, Hirsi Ali se tornou um dos ícones da política holandesa depois de ter ocupado uma das cadeiras do Parlamento da Câmara Baixa (*Tweede Kamer*) pelo Partido Liberal (*Volkspartij voor Vrijheid en Democratie* – VVD), oposição ao Partido Trabalhista, no governo de direita, em que muitas leis foram criadas pela então Ministra da Integração, Rita Verdonk, a “Dama de Ferro” da Holanda, inclusive a revisão dos processos de pedido de asilo, para verificar irregularidades e possibilitar posteriores expulsões de imigrantes do país.

A partir desse lugar de fala<sup>9</sup>, entre 2003 e 2006, Hirsi Ali trabalhou de maneira ferrenha contra determinadas práticas do islamismo no Oriente Médio, na África islamizada e na Europa Ocidental. Estas envolviam crimes de honra e tradições

---

<sup>8</sup> *Universiteit Leiden*. Site oficial disponível em: < <http://www.leiden.edu/> >.

<sup>9</sup> Utiliza-se o termo “lugar de fala” para se remeter ao conceito do uruguaio Hugo Achugar (2006), que trata da questão identitária como parte da discussão entre universal e local de quem se pronuncia no discurso e de onde esse alguém fala.



seculares consideradas desrespeito aos direitos humanos, sobretudo, aos direitos das mulheres em um momento no qual a Holanda se encontrava debatendo acerca das políticas de imigração, emancipação e integração.

A partir dessa militância, Hirsi Ali foi acusada de islamofobia por críticos, holandeses e muçulmanos radicados na Europa, em virtude de seu trabalho contra o uso da ideia do multiculturalismo para justificar a violência contra as imigrantes muçulmanas, o que podia, segundo ela, tornar contraditório o discurso holandês de liberdade de expressão, haja vista as crescentes ondas de retaliações aos imigrantes muçulmanos nos países europeus.

Em 2004, foi ameaçada de morte pela Irmandade Muçulmana depois da elaboração do argumento para o filme *Submission – I*, momento em que se viu forçada a deixar a Holanda e migrar para os Estados Unidos, sob forte esquema de segurança. A partir de então, sua presença passou a ser considerada um perigo iminente para a segurança dos vizinhos holandeses, que alegavam viver sob o medo de ataques terroristas.

Nesse mesmo período, circulava o discurso do questionamento sobre a cidadania de Hirsi Ali, em virtude de ter mentido à época do pedido de asilo, fato que a levou, mais tarde, a ser convidada a se retirar do território holandês por decisão judicial, de modo que precisou renunciar ao mandato. Desde então, vive cercada de guarda-costas.

Afinal, sua errância nunca teria fim? Chegou ao ponto de ser alcunhada de “a Salman Rushdie” da Holanda, por apresentar críticas semelhantes às do escritor anglo-indiano nos *Versos satânicos* (1988)<sup>10</sup> e por ser forçada a se exilar, assim como ele.

Em um texto publicado no *Jornal Estadão*, em 13 de outubro de 2007, intitulado-se *Na mira dos extremistas do islã*, o próprio Salman Rushdie alertou sobre Hirsi Ali:

É importante notar que Ayaan Hirsi Ali pode ser a primeira refugiada da Europa Ocidental desde o Holocausto. Como tal, ela é um testemunho único e indispensável tanto da força como da fraqueza do Ocidente – do esplendor de uma sociedade aberta e da energia incansável de seus antagonistas. Ayaan conhece os desafios que enfrentamos em nossa luta para conter a misoginia e o fanatismo religioso do mundo muçulmano, e convive cada dia com as consequências de nosso fracasso. Não existe ninguém em melhor posição para nos lembrar que ser tolerante com a intolerância é covardia.

---

<sup>10</sup> Livro de Salman Rushdie escrito a partir de versículos do Alcorão ditados por Satanás e não pelo Anjo Gabriel, conforme a tradição islâmica.



Frente à visão crítica em relação ao islã, lança-se um olhar crítico para o Ocidente assim posto em oposição, mas cada um com suas falhas: de um lado, veem a luta contra a intolerância religiosa e, de outro, o reconhecimento do Ocidente com seus “antagonismos”. Rushdie e Hirsi Ali comungam dessa ideia que rendeu a *fatwa*<sup>11</sup> por ambos terem “blasfemado” contra a palavra de Alá. Em 2006, os dois e outros ativistas assinaram o *Manifesto: juntos enfrentando o novo totalitarismo*, momento em que declararam na carta:

Após termos enfrentado o nazismo e o stalinismo, o mundo agora enfrenta uma nova ameaça totalitarista: o islamismo. Nós, escritores, jornalistas, intelectuais, pedimos por resistência ao totalitarismo religioso pela promoção da liberdade, oportunidades e valores seculares a todos.

Apesar dessas semelhanças ideológicas de Ayaan Hirsi Ali e Salman Rushdie, os enfrentamentos da somali foram agravados pela violência de gênero, o que tornaria duplamente reforçados seus problemas com os espaços físicos e políticos. Como seres “fora do lugar”, Salman Rushdie buscou refúgio na Inglaterra, e Ayaan Hirsi Ali relatou os caminhos estratégicos que a levaram à América<sup>12</sup>, precisamente, aos Estados Unidos, quando até mesmo a Holanda não poderia mais ser o seu espaço, pois já vivia nos limites da tolerância, e, segundo ela:

Queira ou não, os Estados Unidos são o líder do mundo livre. Levando as minhas ideias para lá, eu não me sinto traidora. Na *American Enterprise Institute*, em Washington, vou ter mais tempo para pensar do que quando era parlamentar em Haia<sup>13</sup> e tentava implementar programas no processo legislativo. (Hirsi Ali, 2008, p.489).

Assim, Hirsi Ali descreveu a busca por outros lugares de fala quando, mesmo sob o perigo de ser assassinada, foi aos EUA, país considerado inimigo pelo mundo islâmico, para trabalhar no *American Enterprise Institute*, um centro do pensamento conservador norte-americano – àquela época, ligado ao Presidente Jorge W. Bush. No

---

<sup>11</sup> Decreto islâmico. No caso de Salman Rushdie, em 1989, o aiatolá Khomeini lançou a *fatwa* por conta do livro *Os versos satânicos*.

<sup>12</sup> De que trata o livro *Nômade* (2011), a segunda parte da autobiografia.

<sup>13</sup> Sede do governo dos Países Baixos.



instituto, Hirsi Ali acreditava que poderia lutar pela liberdade de expressão, mesmo sendo uma “prisoneira”, pois:

O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (Said, 2003, p. 58).

Nessa dinâmica do ser exilada, Ayaan Hirsi Ali se tornou uma das cem pessoas mais influentes do mundo<sup>14</sup>, assim entrou, em 2005, na lista de Líderes e Revolucionários da revista estadunidense *Time* – ícone da mídia global, por ser a revista semanal que tem maior circulação no planeta, por meio de suas edições europeia e asiática.

Segundo a revista de negócios e economia, também estadunidense, *Forbes*, Hirsi Ali foi uma das 100 mulheres mais poderosas do mundo em 2013. Essa lista é uma homenagem do periódico ao dia internacional da mulher, comemorado em 08 de março.

Segundo a Revista *Reader's Digest*, que circula em mais de 100 países, Ayaan Hirsi tornou-se *A europeia do ano 2006: a voz solitária da coragem*, tendo sido noticiada como ganhadora do Prêmio Democracia do Partido Liberal Sueco e o Prêmio Liberdade do Partido Liberal da Dinamarca, o qual não pôde receber, por ter sido ameaçada de morte por radicais islâmicos, caso aparecesse na premiação. Tal fato representa a tensão europeia em relação aos islamitas e ao islamismo que, por questões culturais ou aversão à influência do islamismo na Europa, também foram responsáveis por essas premiações de Hirsi Ali.

Instalada nos Estados Unidos, a escritora passou a presidir a Fundação Ayaan Hirsi Ali – AHA, uma organização de caridade para ajudar a proteger e defender direitos das mulheres muçulmanas no Ocidente, principalmente, nos Estados Unidos, do islã militante e dos costumes tribais ao pregar a democracia, os direitos humanos e a

---

<sup>14</sup> “A revista norte-americana vem repetindo essa cerimônia há quase um século, com o intuito de apontar “as pessoas que mais afetaram o noticiário em nossas vidas, para o bem ou para o mal, incorporando o que foi importante no ano”. Assim, ninguém menos que Hitler foi eleito em 1938, o aiatolá Khomeini, em 1979, e George W. Bush, em 2004. E quem foi a personalidade do ano de 2006, de acordo com o respeitado veredicto da *Time*? Você! Sim, você. Ou melhor: não apenas você, mas também eu e todos nós. Ou, mais precisamente ainda, cada um de nós: as pessoas ‘comuns’. Um espelho brilhava na capa da publicação e convidava seus leitores a, nele, contemplarem-se, como Narcisos satisfeitos por ver suas ‘personalidades’ cintilando no mais alto pódio da mídia.” (Sibilia, 2006, p.08).

tolerância religiosa. Lá, também constituiu família ao se casar com o historiador britânico Niall Ferguson<sup>15</sup>, com quem teve um filho.

Essas são algumas das imagens que Hirsi Ali construiu para si na cena ocidental, sobretudo, depois de lançar, em 2006, sua autobiografia na Holanda. *Infidel, a história de uma mulher que desafiou o islã* guarda afinidade com outras tantas que antecederam sua autobiografia, quanto as que surgiram depois, a exemplo de *Flor do deserto: a extraordinária odisseia de uma nômade do deserto* (2002), da ex-modelo somali-americana Waris Dirie, história em livro e adaptada para filme, que conta a trajetória dela depois de mutilada aos cinco anos de idade até sua luta na Inglaterra, que lhe rendeu, inclusive, o título de Embaixadora da Organização das Nações Unidas – ONU, ao lutar contra a mutilação genital feminina, que também culminou na criação da Fundação Waris Dirie.

É possível citar, ainda, *Lendo Lolita em Teraã: uma memória nos livros* (2004), da iraniana Azar Nafisi, que, como resistência ao regime fundamentalista e sua opressão à liberdade das mulheres, recorreu à leitura, sobretudo, de obras proibidas do mundo ocidental como refúgio à época de grandes conflitos entre Irã e Iraque.

Em *Americanah* (2013), a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie escreveu sobre um romance em meio a questões de imigração, negritude e gênero nos Estados Unidos. Tal livro foi selecionado pelo *New York Times* como uns dos dez melhores de 2013, figurou na lista de *best-sellers* por seis meses, demonstrando o poder dos discursos literários das afro-americanas, sobretudo, na cena contemporânea.

A paquistanesa, ganhadora do Nobel da Paz de 2014, Malala Yousafzai, em *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã* (2013), narra a história de uma família exilada por conta do terrorismo global que ameaça aqueles que lutam pelo direito à educação feminina, e outros tantos direitos que são negados à mulher em uma sociedade islâmica.

Uma voz entre muitas: esta é a proposta autobiográfica de Hirsi Ali. Por ter ganhado destaque na mídia internacional, essa autora visibilizou os artifícios utilizados para construir imagens de si em seus trânsitos, “pois sob o império das subjetividades alterdirigidas, o que se *é* deve ser *visto* – e cada um é aquilo que mostra de si” (Sibilia,

---

<sup>15</sup> Professor da Universidade de Harvard e autor dos livros *Civilização: ocidente X oriente* (2012), *A ascensão do Dinheiro* (2009), *Império: como os britânicos fizeram o mundo moderno* (2010), *Colosso: a ascensão e queda do Império Americano* (2011), *A grande degeneração*. (2012), *O horror da guerra* (2014).

2008, p.235). Assim, sua autobiografia se difere das inúmeras outras que encharcam o mercado editorial contemporâneo, pois traz a público as identidades tomadas por si, por meio dos sucessivos empoderamentos que garantiram as investidas na visibilidade de sua escrita.

Ayaan Hirsi Ali é um ser, sobretudo, diaspórico com uma história de militância agregadora de elementos que despertam o interesse do público, entremeadas de fama e medo. Assim, as palavras de Hirsi Ali foram tomando dupla acepção entre viver e morrer, e o que liga esses extremos é o fio da narrativa, que a mantém viva enquanto decide enfrentar o desafio de falar sobre si, para se tornar e se manter visível.

### REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. *Anthills of the Savannah*. New York: Anchor Press, 1987.
- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ALCORÃO. Português. *O Alcorão*. Tradução de Mansour Challita. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paola Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARFUCH, Leonor. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- BÂ, Amadou Hampâté. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org). *História geral da África*. Vol. I. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 2010.
- BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel: o menino fula*. Tradução de Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Pallas Athena Casa das Áfricas, 2003.
- BALTA, Paul. *Islã*. Porto Alegre: LP&M Pocket, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Míriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BETTO, Frei; MENESES, Adélia Bezerra de; BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL, Patrícia Ribeiro. *Será a autobiografia uma poética da modernidade? Uma leitura comparada entre Ayaan Hirsi Ali e Gioconda Belli*. Programa de Pós-graduação em Letras: UFRGS, 2011.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Escreva-me urgente... Um estudo dos elos comunicativos na carta. In: BASTOS, Maria Helena Camara (Org.) *et al. Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2000.

CANCLINI, Néstor García. Narrar o multiculturalismo. In: CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 4. ed., 2001.

CATELLI, Nora. *El espacio autobiográfico*. Barcelona: Lumen, 1991.

DE MAN, Paul. *Alegorias da leitura*. São Paulo: Imago, 1984.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

DIRIE, Waris; MILLER, Cathleen. *Flor do deserto: a extraordinária odisseia de uma nômade do deserto*. Tradução de Tomás Paz da Silva. 4. ed. Lisboa: Asa, 2002.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERGUSON, Niall. *A ascensão do dinheiro*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 2002.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 6 ed. Lisboa: Nova Veja, 2006a. p. 129-60.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Ditos e escritos*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

GAY, Peter. *O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GERHOLM, Tomas; LITHMAN, Ingve. *The new Islamic presence in Western Europe*. Londres, 1988.

GRASSI, M. C. *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998.

HADDAD, Jamil Almasur. *O que é islamismo*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.



- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação, 2003.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 24, 1996.
- HIRSI ALI, Ayaan. *Infidel: a história de uma mulher que desafiou o islã*. Tradução de Luiz Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HIRSI ALI, Ayaan. *A virgem na jaula: um apelo à razão*. Tradução de Ivan Weisz Kuck. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HIRSI ALI, Ayaan. *Nômade: do islã para a América*. Tradução de Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África*. Vol. I. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 2010.
- LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- LEJEUNE, Philippe. Definir autobiografia. In: MOURÃO, Paula (Org). *Autobiografia, autorepresentação*. Lisboa: Edições Colibri, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul Endymion, 1994.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerhein Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Tradução de Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- MAY, George. *La autobiografía*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- NAFISI, Azar. *Lendo Lolita em Teerã: uma memória nos livros*. Tradução de Tuca Magalhães. 2. ed. São Paulo: A Girafa, 2005.
- PAUL, John Eaking. *Touching the world: reference in autobiography*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- RAVETTI, Graciela. De Moscou a... Marte. In: NAZARIO, Luis (Org.). *A cidade imaginária*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 45-67.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Tradução de Raquel de Queiroz e José Benedicto Pinto. São Paulo: EDIPRO, 2008.



RUSHDIE, Salman. *Fúria*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RUSHDIE, Salman. *Fúria*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RUSHDIE, Salman. *Os versos satânicos*. Tradução de Misael H. Dursan. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. *Fora do lugar: memórias*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward. *Cultura e política*. São Paulo: Bomtempo, 2003a.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SIBILIA, Paula. O bisturi de software: como fazer um “corpo belo” virtualizando a carne impura? In: ARAÚJO, Denize Correa (Org.). *Imagem (ir) realidade: comunicação e cibernídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. 3 ed. Organização e tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1970.

TODOROV, T. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VIEGAS, Ana Cláudia. O “retorno do autor”: relatos de e sobre escritores contemporâneos In: VALLADARES, Henriqueta do Coutto Prado (Org.). *Paisagens ficcionais: perspectivas entre o eu e o outro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

YOUSAFZAI, Malala. *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã* / Malala Yousafzai com Christina Lamb. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZAIDAN, Assaad. *Letras e história: mil palavras árabes na língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Escrituras Editora, EDUSP, 2010.



*Recebido em julho de 2015*  
*Aprovado em setembro de 2015*